

As Origens da Grande Tribulação

C. Naaktgeboren*,

Resumo

Aqui vai o resumo.

Palavras-Chave

grande tribulação — origens — Israel — nações pagãs — igreja.

Destaques

examina as origens da grande tribulação nas Escrituras — faz aplicações a Israel, nações pagãs, e à igreja.

*Autor correspondente: C. Naaktgeboren <bibliashare@gmail.com>

License



<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Sumário

| | | |
|---|--------------------|---|
| 1 | Introdução | 1 |
| 2 | Conclusão | 2 |
| | Referências | 2 |

1. Introdução

O assunto da “angústia de Jacó,” mencionado pelas profetas Jeremias e Daniel, e referido pelo Senhor Jesus como o período de “grande tribulação,” citamos:

“Ah! Que grande é aquele dia, e não há outro semelhante! É tempo de angústia para Jacó; ele, porém, será livre dela.” — Jr 30.7 (ARA) [1]

“e haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo;” — Dn 12.1 (ARA) [1]

“porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais.” — Mt 24.21 (ARA) [1]

O assunto da “Grande Tribulação,” mencionado na visão de Daniel: “[...] e haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; [...]” Dn 12.1 (ARA) [1] e também pelo Senhor Jesus: “porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais.” Mt 24.21 (ARA) [1]; vem sendo, de acordo com as

minhas observações, objeto de debate no meio cristão, principalmente no tocante à relação da igreja com este período profético, a saber, se a igreja deverá, ou não passar por esse tempo; e, se passar, o fará em parte ou na sua totalidade.

Para os que gostam de classificações, as opções enunciadas correspondem às visões (i) pré-, (ii) meso-, ou (iii) pós-tribulacionistas, para citar as principais, e as nomenclaturas advêm do posicionamento do arrebatamento da igreja em relação ao tempo da grande tribulação, a saber: antes, no meio, ou no final dela, respectivamente.

Não obstante as Escrituras exortarem a que a igreja tenha um só pensamento, para a completa alegria: “**completai a minha alegria, de modo que penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento.**” Fp 2.2 (ARA) [1]; vemos, em nosso meio, defensores de cada uma das visões elencadas, cada qual com seu rol de textos e estratégias de interpretação.

Considero triste tal estado de coisas, por múltiplas razões: (i) não atinge-se a exortação de Fp 2.2, para cujo caso reservase a esperança do verso 3.15: “**Por isso, todos os que somos aperfeiçoados tenhamos esse mesmo modo de pensar; e, se em alguma coisa pensais de outro modo, Deus também vos revelará isso.**” Fp 3.15 (A21) [2]; e (ii) corre-se o risco imediato de transmitir, voluntariamente ou não, a mensagem de que a Bíblia não seja coesa, ou pior, que contenha contradições.

O problema não está nas Escrituras em si — haja vista que sua inspiração Divina e inerrância são axiomáticas — mas na trajetória de crescimento na fé, inerente a cada cristão; bem como em posturas evitáveis como a defesa de visões; ao invés de uma busca pelo que é, de fato, ensinado nas Escrituras; afinal, o que aproveita alguém engajado na defesa de erros?

De outro ponto de vista, desta vez prático e não doutrinal; as diferentes visões com relação à participação da igreja na grande tribulação possuem consequências práticas, a exemplo da (a) eventual necessidade de preparações, e também (b) do trato de Deus para com a igreja e suas profundas implicações.

Em seu estudo percorrendo todos os livros da Bíblia, o Dr. J. Vernon McGee chega ao Apocalipse de João — o único livro profético do Novo Testamento — identificando que o livro dá consumação a uma série de assuntos proféticos vindos de várias outras partes das Escrituras [3]. Um dos assuntos proféticos identificados é o da “Grande Tribulação,” o qual, segundo McGee, tem sua origem no Antigo Testamento; na Lei; especificamente em Deuteronômio 4.30, 31.

Tal metodologia de estudo me parece ser a mais desejável, bem como a mais apropriada, uma vez que: (i) utilizará a Bíblia para explicar a própria Bíblia; e também (ii) fará isso na *ordem* na qual a revelação aconteceu na história.

Este estudo empregará a *metodologia* adotada por McGee, porém, de forma completamente independente de seus estudos, objetivando *descobrir o que é ensinado nas Escrituras sobre o assunto*, não desejando uma validação de uma pré-determinada visão de mundo, porém deixando a Escritura (Deus) falar e colhendo os resultados da desejada coesão (e correção!) doutrinária.

2. Conclusão

Testes.

Conflito de Interesses

O autor declara não haver conflito de interesse associado a este trabalho.

Agradecimentos

O autor não recebeu nenhum pagamento e/ou fomento específico na elaboração deste trabalho, sejam provenientes de setor público, privado ou sem fins lucrativos.

A YHWH Deus Pai, Filho e Espírito, seja a glória!

Referências

- [1] *A Bíblia Sagrada*. Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri, SP, Brasil, traduzida em português por João Ferreira de Almeida. revista e atualizada, 2^a ed. (ARA) edition, 1993.
- [2] Daniel de Oliveira, editor. *Bíblia Sagrada Almeida Século 21: Antigo e Novo Testamento*. Vida Nova, São Paulo, SP, Brasil, 2^a edição revista e atualizada conforme o novo acordo ortográfico (A21) edition, 2010.

- [3] J. Vernon McGee. *Revelation – Notes & Outline*, ca1980.